

**Resumo:** Neste texto, procuramos tecer algumas reflexões em torno das histórias de vida, tendo como pedra basilar o comentário de uns versos de um poeta quinhentista português. Procuramos dar realce a acontecimentos biográficos que, pela sua importância, assumem funções charneira na explicação do devir biográfico: os nós biográficos, catalisadores de coerências de vida; e as fissuras biográficas, acontecimentos que impossibilitariam a emergência de coerências de si de carácter totalizador. Estes dois conceitos são propostos, respectivamente, a propósito do estudo da normalidade e do estudo dos chamados comportamentos desviantes.

**Palavras-Chave:** Histórias de vida; Comportamento desviante; Abordagem biográfica; Fissuras; Nós biográficos.

**Résumé:** Dans cet article, nous avons réfléchi sur les histoires de vie, ayant comme pierre angulaire le commentaire de quelques verset d'un poète portugais du XV siècle. Nous tenons à mettre en relief des événements biographiques, qui, par son importance, jouent une fonction charnière pour expliquer le devenir biographique; les noyaux biographiques catalyseurs de cohérence de vie; et les fractures biographiques événements qui rendraient impossible l'émergence de cohérences de soi, à caractère totalisant. Sont avancés ces deux concepts, respectivement, à propos de l'étude de la normalité et de l'étude des comportements déviants.

**Mots-Clé:** Histoires de vie; Comportement déviant; Approche biographique; Fractures; Noyaux biographiques.

**Abstract:** This text aims at some meditation on histories of life based on the commentary of some verses made by a portuguese poet born in the 500's. We try to enhance biographical events that, by its meaning, play an important role for the explanation of the biographical future: the biographical nodes, catalysers of life coherences; and the biographical fissures, events that would not allow the emergency of coherences of oneself with totalising character. These two concepts are proposed, respectively, on the study of normality and on the study of diverting behaviours.

**Key Words:** Histories of life; Diverting behaviours; Biographical approach; Fissures; Biographical nodes.

## Indeterminação biográfica – de condição natural a uma fissura na história do sujeito

Rui Tinoco

*“quando (às) vezes a mi por mi pergunto,  
quem fui responde que me não conhece”*

Vasco Mousinho de Quevedo e Castel-Branco

O texto, que agora iniciamos, vai ser construído em torno destes versos do nosso poeta quinhentista escassamente divulgado. O livro *Discurso Sobre a Vida e Morte de Santa Isabel Rainha de Portugal e outras várias rimas*, veio a lume em 1597 e desde então foi condenado ao esquecimento. Aproveitaremos estes versos para tecer algumas considerações sobre as *histórias de vida*.

Em primeiro lugar, a impressão mais imediata da leitura: a estranheza que causa estarmos perante um sujeito desconhecido de si próprio. Dir-se-ia que a história da pessoa, o seu passado, não constitui aqui uma unidade. O eu do passado é um outro que não tem nada a acrescentar ou a dizer ao eu que é no presente.

Quevedo defende, no fundo, uma separação entre a memória da história de vida do sujeito e o que ele é aqui e agora. Ainda de outro modo: o que sou agora poderia ter sido construído de infinitas maneiras. Em vez de se construir uma coerência, definidora de uma identidade pessoal no devir do tempo, estamos perante um eu acima das horas que estranha o seu passado. A verdade, porém, é que a existência se poisa num instante e num lugar. Neste sentido, configura-se a solidão de uma tarefa infinita: sempre mais passado, sempre o mesmo presente que se transforma e onde é necessário organizar a nossa identidade pessoal.

Óscar Lopes e António José Saraiva, na sua *História da Literatura Portuguesa* (onde aliás descobrimos estes versos), sublinham a perplexidade do uso do eu moral na escrita de Quevedo. Emerge nela uma notória instabilidade e inquietude que denota um conflito de sentimentos antagónicos. A interrogação que o autor faz a si próprio permanece por responder.

Partiremos, então, desta dobra do sujeito sobre si mesmo, necessária à existência de uma estranheza perante si e o seu passado, para fazermos algumas reflexões em torno das histórias de vida e o modo como os comportamentos desviantes se podem inscrever no passado dos sujeitos. Esta reflexão é, sobretudo, interessante se conseguirmos modelar graus de estranheza perante o passado: é aqui que se configura o espaço de criação de si ou a rigidificação das explicações de si existentes em muitos actores dos chamados comportamentos desviantes.

## 1. Condição natural: o espaço da criação

Uma leitura possível da posição de Quevedo, assumiria esta distância de si próprio como uma condição natural à existência humana. É a partir de infinitas possibilidades que vamos dinamizando as nossas histórias pessoais. Os versos passariam a ser referentes da indeterminação e da liberdade inerente à condição humana.

A própria psicologia mais clássica já abandonou uma visão de causa efeito, preferindo utilizar o conceito de factor de risco. Assim, para exemplificar, o factor de risco maus tratos parentais não implica uma trajectória criminal - fragiliza, isso sim, o indivíduo a possíveis problemas psicológicos e de inadaptação social. O conceito de factor de risco con-signa a indeterminação humana.

É, assim, verdade que um episódio de infância abre portas às mais variadas trajectórias. O que nós somos, neste instante, porém, tende a inscrever esse acontecimento numa determinada coerência e, deste modo, implica um empobrecimento de sentido desse mesmo episódio. Trata-se de uma coerência retrospectiva: se pensarmos com mais cuidado, esse mesmo episódio podia ser inscrito numa história diversa da que aconteceu. Mais: o eu pode contar-se de diversas maneiras, diversos modos, que nem sempre são exactamente concordantes (a fragmentação do eu em diversas coerências é por demais evidente na obra de Fernando Pessoa, por exemplo).

A construção de si mesmo nunca está terminada e conjugava-se sempre no presente (mesmo quando se está a falar de passado). Neste sentido, aproximamo-nos das teorias da associação diferencial e do interaccionismo simbólico: os outros dão-nos sinais do que somos e confirmam-nos certas características identitárias. É a partir destas vivências

consigo mesmo e com os outros que vamos elegendo uma coerência preferencial, entre outras que nos estão disponíveis (e que poderiam confirmar outras identidades firmadas, de igual forma, na nossa história pessoal).

As teorias constructivistas de intervenção terapêutica utilizam, quase como nó central, esta indeterminação do sujeito perante si mesmo. As narrativas, por exemplo, procuram complexificar as vivências do sujeito em diversos níveis que vão desde as dimensões experienciais, às emocionais e cognitivas. O incentivo da actividade de autoria, no sentido de se ser agente de si mesmo, passa precisamente por incentivar o sujeito **escrever** o seu passado (Gonçalves, 2000).

O eu passado é sempre estranho e poderia originar um eu presente muito diferente daquilo que sou hoje. Esta condição, diríamos estrutural, requer constantemente uma operação de apropriação de coerências, numa identidade que é polifacetada sem deixar de ser una. Existem sempre outros acontecimentos, outras coerências, que poderiam formar uma outra história.

Assim, se no futuro me constituir como músico, poderia numa lógica retrospectiva procurar, no meu passado, indícios que me permitiriam inscrever essa nova identidade num *continuum*. Arriscamo-nos afirmar que a aquisição de uma identidade profissional, no início da vida adulta, passa também por um rearranjo da história, do passado. Os indícios que elegi para mim, na coerência-que-me-levou-a-ser-psicólogo, ignoram certamente infindáveis outros indícios que me poderiam fazer farmacêutico, bombeiro ou outra actividade social. E quem se refere a identidade social poderia referir-se a identidades emocionais, sexuais ou outras.

Escrever o seu passado, ser autor do seu passado, o objectivo central das terapias narrativas, passa precisamente pela confrontação do sujeito com esta multiplicidade infinita de sentidos. O eu passado passaria a ser visto na sua verdadeira complexidade e até contradição.

A consciência da lógica retrospectiva, o seu uso activo e criativo, dotaria o eu de maiores recursos, abriria inclusive portas a percursos desenvolvimentais mais ricos e elaborados. A lógica retrospectiva permite eleger uma coerência dominante entre muitas outras que passam a assumir, desde então, posições mais secundárias - aguardando inclusive possíveis activações futuras.

Após este preâmbulo, reflectiremos sobre o modo como as coisas se passam no caso dos comportamentos desviantes. Essa reflexão constituirá o núcleo deste trabalho e nele nos ocuparemos nos próximos pontos.

## 2. Fissura na história do sujeito: a identidade desviante

Antes de nos lançarmos no assunto deste tópico, faremos apenas uma breve reflexão em torno da definição de comportamento desviante. Não nos iremos alongar em grandes conceptualizações, privilegiaremos pelo contrário alguma reflexão pessoal.

É nossa opinião que o comportamento desviante se gere por uma égide dual: o social e o psicológico (deixemos de lado a parte biológica que não dominamos). O social é o espaço onde são definidos os comportamentos considerados anormais, não aceitáveis ou proibidos. Essa definição faz-se através de processos históricos e mesmo políticos (v.g., grupos de uma sociedade lutam entre si para imporem a sua moral aos restantes, Becker, 1963). O desvio é sempre referente a algo - que normalmente é definido por um sistema de poder, no sentido histórico do termo. O psicológico entra igualmente no jogo porque são indivíduos, os actores dos comportamentos; são eles que lidam com a condenação social dos seus comportamentos; são eles que constroem uma identidade a partir de uma estigmatização social.

As ciências do comportamento desviante, tendo a sociologia como principal pólo dinamizador, interessaram-se por estes dois níveis. Numerosos autores dedicaram-se à análise da construção macrosocial e ecológica dos comportamentos desviantes. Muitos outros, cultivaram nos seus trabalhos a tentativa de compreensão das vivências e construções reflexivas dos diversos actores desviantes. Existem casos de desviância mais extrema, em que os sujeitos não são capazes de organizar sínteses biográficas, geradoras de identidades estáveis. Existem também os casos das desviâncias criadoras. Nestas situações, os indivíduos possuem meios económicos, culturais e, acima de tudo, psicológicos para lidarem com o dilema moral subjacente à condenação social dos seus actos. Inclusive, a existência de uma ideologia criativa pode favorecer a emergência de explicações de si válidas e coerentes, geradoras de coerências biográficas enriquecedoras para os

indivíduos em questão. Iremos, mais adiante, tentar compreender os diferentes tipos de fissura para cada um destes dois pólos acabados, sumariamente, de definir. Aliás, para uma proposta analítica mais estruturada dos níveis de transgressão consulte-se Agra (1990).

Após estes breves parágrafos, podemos retomar o exercício que estávamos a realizar: regressar aos versos de Quevedo, retomar a história de vida e o caso específico do indivíduo desviante. Socorrer-nos-emos das lições de alguns autores que privilegiaram dimensões mais individuais da vivência dos comportamentos desviantes, ainda há pouco denominámos estas dimensões de psicológicas.

Regressemos a Quevedo: o eu do passado não me conhece. Desta feita, iremos interpretar os versos de um modo mais dramático: estamos perante uma tragédia pessoal, de dimensões ainda por perscrutar. Esta condição estrutural deixa de ser um espaço de criatividade, para se passar a assumir como alienação. A história de vida está rasurada, o sujeito não assume o vazio como espaço de **escrita** da sua biografia.

Em diversos comportamentos desviantes como a toxicodependência, a homossexualidade e a prostituição, existe muito esta desistência na construção de si (se bem que a observação não seja de modo algum extensiva a todos os actores destes comportamentos). O sujeito, por não conseguir resolver o dilema moral subjacente à condenação social das suas condutas, passa a experienciar a sua história de vida como algo inexplicável ou exterior a si. A dimensão dissociativa está, deste modo, presente em muitas destas situações.

Vamos explicar de outro modo a fissura biográfica que acabámos de entrever. A emergência de comportamentos desviantes numa biografia é encarada, nestes casos, como algo estranho, irracional até. A desviância veio tolher a capacidade de liberdade do indivíduo: há um antes e um depois bem demarcados. A capacidade de os ligar numa coerência, porém, é praticamente inexistente.

O percurso existencial é explicado como algo exterior ao indivíduo que o praticou ou viveu (a psicologia utiliza aqui o termo de externalização; outros autores, mais próximos da sociologia podem empregar o termo de neutralização, Sykes & Matza, 1957).

É altura de concretizar alguma destas ideias. Muitos toxicodependentes, quando instados a contarem a sua história

de vida, em contexto clínico, referem-se a uma juventude radiosa em que nada de mal teria acontecido (Fleming, 1995). É, pois, por acidente que o envolvimento com os consumos se observa.

Temos aqui expressa a ideia de um distanciamento não criativo em relação à história de vida do indivíduo em questão. A emergência da toxicod dependência vai determinar, em ruptura, todo o devir posterior do sujeito. A juventude, neste caso, é encarada pelo actor desviante como não tendo nada que ver com o seu presente transgressivo.

Um outro nível de fissura, mais psico-social, foi entrevisto por Young (1971). O autor estudou mecanismos macro-sociais que entram em jogo ao longo de processos de amplificação da desviância. Muito rapidamente: a problematização social de um dado tipo de comportamento tem, como consequência, a extremização desse comportamento e a criação de um mecanismo de *feed-back* positivo - mais repressão implica mais desviância e esta, por sua vez, justifica a condução de medidas mais repressivas.

Uma pequena ideia do autor despertou-nos o interesse: a partir de certo momento é o próprio desviante que coopera no mecanismo de amplificação da desviância. Depois de ultrapassado determinado momento existencial, os indivíduos parecem envolver-se mais profundamente com as condutas transgressivas que já vinham conduzindo. Mas que momento é esse?

Matza (1969), com o seu conceito de conversão, pode-nos sem dúvida ajudar a responder à interrogação. O autor interessou-se pelo estudo dos processos de adesão às condutas desviantes. Grande parte desses processos foi também estudada por outros autores como Becker: os primeiros momentos de aproximação informal a uma conduta desviante podem fazer com que essa conduta deixe de ser vista como estranha e impossível para o indivíduo em questão, para passar a ser plausível e até, de algum modo, simpática.

Mas estas etapas antecedem a conversão. A conversão implica uma reconceptualização das significações pessoais. Tudo se passa como se houvesse uma internalização da ideologia desviante. Esta começa a fazer sentido para o indivíduo em questão: no início, ela é algo de exterior que só se aplica aos outros; depois, ela é experienciada por dentro, como experiência vivida do indivíduo.

A internalização da ideologia desviante implica que o

sujeito se comece a achar como um outro, diferente dos demais. Tudo se passa como se existisse uma fissura na história de vida do sujeito: ser-se desviante implica o início de um outro percurso que dificilmente é enquadrado nas outras dimensões existenciais do indivíduo.

A conversão, ao operar uma modificação radical na auto-imagem do indivíduo, pressupõe um desvio de trajectória. Matza expressa a ideia de um modo especialmente feliz: o indivíduo principia a testemunhar contra si mesmo. Por já se ter aceite como diferente, passa a procurar activamente indícios que confirmem esse afastamento.

Está aqui expressa a noção de amplificação da desviância vista no nível individual. A partir de certo momento, os sujeitos cooperam com os mecanismos de exclusão social porque já se aceitaram como diferentes; porque procuram activamente, através da imersão em ideologias sub-culturais, essa diferença.

Em grande parte dos casos, porém, a procura da diferença não é criativa para proceder, isso sim, de uma determinação exterior: “o devir acontece-me porque sou diferente, essa diferença calhou-me em sorte por motivos desconhecidos”. O eu do passado nunca retorna ao aqui e agora, porque não existe emergência de coerências biográficas totalizadoras. Trataremos agora de concretizar a ideia de conversão e de internalização de uma identidade desviante a partir de dois tipos de comportamento transgressivo: o crime de colarinho branco e o caso de dependentes de heroína (consumidores de rua). Para cada figura desviante, seria necessária a realização de um exercício semelhante ao que iremos agora ensaiar.

### **Criminalidade de colarinho branco**

Coleman (1989) defende existir uma relação entre o início da actividade criminal de colarinho branco e a denominada racionalização do empréstimo. O aprendiz de criminoso principia a desviar fundos de uma empresa, por exemplo, dizendo a si mesmo estar a fazer um empréstimo que será depois ressarcido. Só após algum tempo é que o indivíduo pode confrontar-se com a evidência: nunca terá capacidade de devolver todos os “empréstimos” efectuados. Por se aperceber por si mesmo, ou por ter sido confrontado por alguém, o indivíduo pode passar a conceber o seu acto como criminal.

Está claro que esta conversão implica uma fissura na

biografia do indivíduo. O grau e extensão da fissura dependerão do envolvimento posterior com a actividade: se ela prossegue; se for descoberta ou não; se o indivíduo é castigado ou fica impune. Uma série de ficções poderá ser construída para justificar os actos transgressivos: mas todas elas servem para desculpabilizar o sujeito perante si. Desta forma, passa a existir um antes e um depois da aquisição da identidade desviante. Em casos extremos: antes o indivíduo escrevia a sua história, depois é escrito por ela.

O criminoso de colarinho branco poderá passar a ter, inclusive, alguma dificuldade em organizar uma coerência biográfica para si - especialmente se já tiver sido preso ou ter prejudicado seriamente a sua vida profissional. Se a identidade desviante tender a sobrepor-se a outras identidades, a fissura está consumada: o eu do presente não é capaz de se apropriar criativamente da biografia, ela está refém do acto desviante que a determinou e a determina.

### **Heroinómano - o caso do consumidor de rua**

Também para o caso dos consumidores de heroína quisemos encontrar o momento mais comum da internalização da identidade desviante. Encontrámos uma ideia interessante no trabalho de Grapendaal *et al.* (1995). Estes autores encontraram um maior envolvimento com a ideologia subcultural de rua - na cidade de Amsterdão - a partir da tomada de consciência da privação opiácea.

Estamos perante uma prova corporal da diferença. Após uma fase de negação do estatuto de toxicodependência (com racionalizações do género: "eu consumo mas a resaca só acontece aos outros") a experiência da privação não deixa espaço para dúvidas, o indivíduo em questão está mesmo dependente de heroína. Ele passa a ser igual aos outros - outros que são a minoria subcultural - terá de começar a empreender um modo de existência em que a ideologia de rua passa a constituir-se como uma competência de sobrevivência.

A conversão, neste caso, delimita claramente um antes e um depois que estão bem demarcados, pois não têm ligação ou coerência que permita uma visão globalizante. É quase como se uma história de vida, estranha ao indivíduo, invadissem e fragmentassem a sua coerência interna. E o pior de tudo isso é que essa história não se deixa contar - é sempre igual a si própria, no mesmo tempo e no mesmo espaço.

Não quisemos aprofundar as racionalizações e os percursos biográficos associados a estas figuras do comportamento desviante. Ficámo-nos com hipóteses de momentos de conversão tipo para cada um dos casos. Quisemos sublinhar quais os momentos definidores, onde emerge um antes e um depois que tornam o indivíduo distante de si próprio. Essa distância não se configura como espaço de liberdade, mas antes estabelece os alicerces de uma determinação empobrecedora do sujeito sobre si mesmo. Vamos explorar agora as consequências dessa fissura biográfica em termos de história de vida do sujeito no seu todo.

### **3. Fissura biográfica**

Nos casos dos comportamentos desviantes que analisámos é, pois, comum estarmos perante fissuras biográficas. É difícil ao indivíduo compor uma coerência criativa a partir da adesão a comportamentos transgressivos. O passado dessa adesão fica irremediavelmente afastado do que vem a seguir.

Os antecedentes não têm continuidade na história de vida do indivíduo. E isto de uma forma "irremediável": o heroinómano recém-recuperado, continua a não saber explicar-se perante si mesmo, é um ex-consumidor. Nada explicaria a diferença para sempre inscrita no passado do indivíduo: ela aconteceu e comprometeu a capacidade criativa da vida de um dado sujeito. (Instituições como o Patriarcho e a Remar podem fornecer aos toxicodependentes uma forte coerência ideológica e até religiosa que preenche este vazio de explicações de si).

As diferenças que se acumulam a partir da adesão a um comportamento desviante somam-se a partir do zero e de um modo incompreensível para o indivíduo. Um heroinómano é capaz de reflectir e explicar as opções no seu modo de vida com a substância, é até bastante prolixo sobre o assunto, mas não consegue articular a sua presença na sua história de vida como um todo (com um toxicodependente dos *sixties*, v. g., não se passaria o mesmo).

Incompreensão de si e desarticulação biográfica: a tendência é, pois, para o esquecimento, para a perda do desejo da recordação. Se a história de vida está fragmentada e é sentida como não sendo do indivíduo (no sentido que não é conduzida por si de um modo activo) qual a motivação para nela pensar?

As afirmações que até aqui fizemos, a propósito das fissuras biográficas, aplicam-se principalmente em casos de comportamentos transgressivos mais rigidificados e extremos. Há desviâncias políticas e outras desviâncias que mantêm alguma forma de criatividade. Vamos reflectir um pouco sobre a configuração das fissuras biográficas nestas situações.

Nos casos da desviância mais criativa, os indivíduos são capazes de coerência globalizantes a propósito das suas histórias de vida. A adesão a um comportamento desviante é explicada por antecedentes biográficos específicos e a sua prossecução é justificada coerentemente.

Goffman (1963) interessou-se pela identidade pessoal e social em casos de sujeitos que praticavam comportamentos estigmatizados socialmente. Para este autor, o momento de revelação de um determinado comportamento assumia contornos importantes. Era então que modificações irremediáveis ocorriam: na relação do indivíduo com os outros, que o passavam a encarar como diferente; na relação do indivíduo consigo mesmo, com o assumir definitivo do desvio. No caso da homossexualidade, afirma Goffman, o *coming out* poderia constituir-se como núcleo central da vida do indivíduo. Seria este, o momento da afirmação verdadeira de si, o culminar de um processo que se vinha desenrolando há longo tempo.

Nestes exemplos, o eu do passado tem que ver com o presente; ele é apropriado de uma forma criativa. Mas entramos aqui num processo biográfico comum a todos nós: a pesquisa dos antecedentes da diferença pode ter efeitos selectivos sobre as recordações, dando mais realce a umas do que a outras.

O desviante pesquisa diferenças na sua biografia. Essas diferenças constituem-se como uma reinvenção do passado (neste sentido, todas as recordações são reinvenções do passado) elas justificam a identidade desviante do indivíduo. E formam uma justificação alicerçada na própria substância da biografia pessoal.

A única distância entre um desviante criativo e um suposto indivíduo normativo seria a maior valoração de um determinado papel em relação a todos os demais. Neste sentido, um homossexual normativo valoriza tanto a sua identidade sexual como as demais; ao passo que num “homossexual criativo”, a identidade sexual assume o papel central e organizador das restantes identidades.

#### 4. Dos nós e das rupturas: algumas reflexões

Interrupções e continuidades biográficas: todos nós já experimentámos ambas as situações, de um ou de outro modo. Os comportamentos transgressivos, contudo, até pela condenação moral e social que lhes está subjacente, prestam-se mais a que essas interrupções se transformem em fissuras e em fragmentações biográficas. Convém não esquecer, porém, que esta definição do passado a partir do presente acontece constantemente com todos nós.

Neste momento do trabalho, iremos operar uma mudança de perspectiva: em todos nós existem momentos condensadores de sentidos. Esses momentos organizam de determinada forma os antecedentes da história pessoal, assim como passam a organizar os eventos subsequentes - v. g. “todas as raparigas que conheci foram a preparação para ti, tu és o meu verdadeiro amor”. A intensidade de uma relação afectiva vivida no agora implica um rearranjo do passado. Pode muito bem ter acontecido que essas raparigas fossem uma busca, quantas vezes sofrida, do amor ideal. Essa busca, que foi quantas vezes vivida como não tendo sentido, é agora reconceptualizada retrospectivamente: não passou de uma preparação para o amor presente.

Por **nós biográficos** entendemos então todo e qualquer acontecimento biográfico que seja capaz de catalizar os sentidos e os significados de uma dada porção de história de vida. Esses nós funcionam como pontos de apoio e reorganização dos percursos individuais. A partir deles, é possível uma reinvenção do passado a partir de um dado ponto de vista que nos está mais próximo. Exemplo: o jovem estudante que queria ser muitas coisas, escolheu ser jornalista; anos depois, esse percurso faz um sentido claro. A escolha, possivelmente confusa na altura, torna-se simples se se já souber o que aconteceu depois.

Os nós são condensadores de sentido, ajudando-nos a eleger uma coerência entre muitas outras possíveis. Os **nós definidores** são acontecimentos biográficos que possibilitam a emergência de identidades estáveis, quer a nível profissional ou outro. Por graduação de importância, denominaremos de **nós temporários**, os acontecimentos biográficos que permitem condensações de sentido mas só em segmentos demarcados na história de vida dos indivíduos. Estes dois conceitos permitem o estudo das

formas de construção de si na chamada normatividade. Aos nós opõem-se as **fissuras biográficas**. Nestas, a possibilidade de construção de coerências para a história de vida está seriamente coarctada ou mesmo impossibilitada de existir. O toxicodependente recuperado, que só consegue pensar e falar do mundo da droga, encontra-se perante uma fissura biográfica que não pode definir de outra forma. O consumidor abstinente que já nem se vê a si mesmo como tal, pelo contrário, conseguiu reinventar o seu passado, encarar o seu envolvimento com as drogas como um acontecimento, entre muitos outros, do seu percurso biográfico. As fissuras biográficas poderiam ser, por sua vez, divididas em **fissuras organizadoras** e **fissuras fragmentantes**. Nestas últimas, estaríamos perante acontecimentos biográficos que, pela sua dimensão moral ou outra, impossibilitariam a sua integração numa continuidade biográfica. No caso das organizadoras, os sujeitos passariam a conceptualizar a sua história em torno desse acontecimento. Exemplo acabado desta dimensão seria o homossexual activista.

Terminando: falamos aqui, ao fim ao cabo, de um percurso inverso ao da psicanálise mais clássica. Em vez de encararmos o passado como um determinante do presente, chamamos a atenção para um movimento contrário. É o presente que torna possível a conceptualização do passado desta ou daquela maneira.

Em certo sentido, o nosso passado estará sempre em mudança e reconceptualização ao longo da nossa história de vida. Será esta capacidade de aprendizagem e reconceptualização de si que cria espaço de manobra a uma compreensão psicológica do percurso desenvolvimental do adulto. É neste período que as maiores aprendizagens e decisões se vão efectuando... É nestas etapas que a psicologia terá de desbravar mais terreno.

Voltando a Quevedo, para terminar: quem fui nunca me conhecerá, mas nunca. Quem sou, conhece sempre o que fui a partir da coerência de significados que construí para mim neste aqui e neste agora.

O que sou no presente determina também o meu passado. ■

Contacto:

Rui Tinoco

Docente de Psicologia da Universidade Fernando Pessoa, Porto

Psicólogo CAT de Cedofeita

Rua Álvares Cabral, 328

4050 - 040 Porto

Tel.: 222 074 990

## Referências Bibliográficas

Agra, C. (1990). "Sujet autopoïétique et transgression." *Acteur social et delinquance* - homage à Christian Debuyst. Bruxelas: Pierre Mardaga, Ed.

Becker, H. S. (1963). *The Outsiders - Studies in the Sociology of Deviance*. New York: The Free Press of Glencoe, Inc.

Coleman, J. W. (1989). *The Criminal Elite - the Sociology of White Collar Crime*. New York: St. Martin's Press.

Fleming, M. (1995). *Família e Toxicodependência*. Porto: Edições Afrontamento.

Goffman, E. (1963). *Stigma - Notes on the Management of a Spoiled Identity*. New York: Simon and Schuster.

Grapendaal, M.; Leuw, E. & Nelen, H. (1995). *A World of Opportunities - Lifestyle and Economic Behavior of Heroin Addicts in Amsterdam*. New York: State University of New York.

Gonçalves, O. (2000). *Viver Narrativamente - a Psicologia como Adjectivação da Experiência*. Coimbra: Quarteto Editora.

Lopes, O. & Saraiva, A. J. (1972). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora (nós consultámos a 17ª ed.).

Matza, D. (1969). *Becoming Deviant*. New Jersey: Prentice - Hall.

Sykes, G. M. & Matza, D. (1957). "Techniques of neutralization: a theory of delinquency". *American Sociological Review*, 22 (6): 664-670.

Young, J. (1971). *The Drugtakers*. London: Paladin.